

CRÉDITO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO

CREDIT AND REGIONAL DEVELOPMENT: AN ANALYSIS OF THE PERFORMANCE OF CREDIT UNIONS

CRÉDITO Y DESARROLLO REGIONAL: UN ANÁLISIS DEL DESEMPEÑO DE LAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO

Mateus Antonio de Lima¹
Darlan Christiano Kroth²
Angelo Brião Zanela³
Ronei Arno Mocelin⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal, analisar a atuação recente das Cooperativas de Crédito (CCs) e sua contribuição para afetar os “padrões regionais de criação de crédito”, conforme a literatura pós-keynesiana. A metodologia empregada foi a análise de dados do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) e de estatísticas bancárias municipais disponibilizadas pelo Banco Central do Brasil, para o período de 2016 e 2021. O estudo utilizou como unidade de análise, a mesorregião Oeste de Santa Catarina. Foram realizados dois tipos de análises em nível de microrregiões, sendo, a evolução da atuação das CCs na região e o seu desempenho na criação de crédito regional. Os resultados indicaram que as CCs regionais acompanharam o movimento nacional do SNCC, com redução do número de cooperativas, expansão de postos de atendimento e do número de associados, em especial do segmento pessoa jurídica. Mais significativo, foi seu desempenho em relação a expansão da sua carteira de crédito classificada e de suas captações, que apresentaram crescimento superior aos dos bancos, atingindo 44% do total do crédito classificado na região em 2021. Esses resultados evidenciam que as CCs estão assumindo maior protagonismo no setor e afetando positivamente os “padrões regionais de criação de crédito”.

Palavras-chave: cooperativismo de crédito; setor bancário; crédito rural; moeda.

¹Administrador. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Chapeco. Santa Catarina. Brasil. E-mail: mateusdilima@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3576-4698>.

²Doutor em Desenvolvimento Econômico. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Chapeco. Santa Catarina. Brasil. E-mail: dckroth@uffs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2664-857X>.

³Doutor em Desenvolvimento Econômico. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Chapeco. Santa Catarina. Brasil. E-mail: angelo.zanela@uffs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5746-1305>;

⁴Mestre em Administração. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Chapeco. Santa Catarina. Brasil. E-mail: ronci.mocellin@uffs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4672-7276>.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the recent performance of Credit Unions (CUs) and their contribution to affect the “regional patterns of credit creation”, according to the post-Keynesian literature. The methodology used was the analysis of data from the National Cooperative Credit System (NCCS) and municipal banking statistics made available by the Central Bank of Brazil, for the period 2016 and 2021. The study used the western mesoregion of Santa Catarina as the unit of analysis. Two types of analyzes were carried out at the micro-region level, namely, the evolution of the CUs' performance in the region and their performance in the creation of regional credit. The results indicated that the regional CUs accompanied the national movement of the NCCS, with a reduction in the number of cooperatives, expansion of service points and the number of members, especially in the corporate segment. More significant was its performance in relation to the expansion of its classified loan portfolio and its funding, which grew more than banks, reaching 44% of total classified credit in the region in 2021. These results show that the CUs are assuming greater protagonism in the sector and positively affecting the “regional patterns of credit creation”.

Key-words: credit cooperatives; banking sector; rural credit; money.

RESUMEN

El principal objetivo de este artículo es analizar el desempeño reciente de las Cooperativas de Crédito (CC) y su contribución a afectar los “patrones regionales de creación de crédito”, según la literatura poskeynesiana. La metodología utilizada fue el análisis de datos del Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) y de las estadísticas bancarias municipales puestas a disposición por el Banco Central de Brasil, para el período 2016 y 2021. El estudio utilizó como unidad de análisis la mesorregión Oeste de Santa Catarina (Brasil). Se llevaron a cabo dos tipos de análisis a nivel de microrregión: la evolución del desempeño de las CC en la región y su desempeño en la creación de crédito regional. Los resultados indicaron que las CC regionales siguieron el movimiento nacional del SNCC, con reducción del número de cooperativas, ampliación de las estaciones de servicio y del número de socios, especialmente en el segmento empresarial. Más significativo fue su desempeño en relación a la expansión de su cartera de crédito clasificado y su fondeo, que mostró un crecimiento superior al de los bancos, alcanzando el 44% del total del crédito clasificado de la región en 2021. Estos resultados muestran que las CC están acaparando mayor protagonismo en el sector y afectando positivamente los “patrones regionales de creación de crédito”.

Palabras-clave: cooperativas de crédito; sector bancario; crédito rural; moneda.

Como citar este artigo: LIMA, Mateus Antonio de *et al.* Crédito e desenvolvimento regional: uma análise da atuação das cooperativas de crédito. **DRd – Desenvolvimento Regional em debate**, v. 14, p. 767-790, 24 out. 2024. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v14.5363>.

Artigo recebido em: 03/04/2024

Artigo aprovado em: 22/05/2024

Artigo publicado em: 24/10/2024

1 INTRODUÇÃO

As Cooperativas de Crédito (CCs) vêm assumindo um lugar de destaque para o desenvolvimento regional. Diferentemente dos bancos tradicionais, as CCs possuem como maior objetivo, a prosperidade de seus associados e da região onde estão inseridas. Dado esse objetivo, atuam de forma a priorizar a concessão de crédito, e por consequência, contribuem para estimular processos de geração de emprego e renda locais (Jacques; Gonçalves, 2016; Coccoresse; Shaffer, 2020).

No Brasil, as CCs vêm apresentando um crescimento extraordinário e ampliando seu protagonismo no mercado de crédito e bancário nacional (BCB, 2020). Esse desempenho pode ser observado em termos de expansão do número de associados, postos de atendimento e de volume de crédito. Enquanto o número de cooperados ampliou em 52,3%, passando de 8,9 milhões para 13,6 milhões de associados, a abertura de novas unidades de atendimento (equivalente às agências bancárias), cresceu 52,4% (4.755 para 7.246 unidades) no período entre 2016 e 2021.

Mas é em relação as operações de crédito, que o desempenho das CCs é mais surpreendente. Nesse mesmo espaço de tempo, a carteira de crédito expandiu 294%, bem acima do observado pelo Sistema Financeiro Nacional (SFN), o que contribuiu para ampliar sua participação de 2,7% para 6% no total do crédito do país (BCB, 2022a). Para o Banco Central do Brasil (BCB, 2020), um dos principais fatores que explicam esse dinamismo, refere-se a sua forte presença em municípios do interior do país, a sua missão cooperativa e à vinculação ao setor agropecuário, que nos últimos anos, vislumbrou grande crescimento. Em 2021, as CCs atingiram 21% do total de crédito rural do SFN, o que indica que as CCs estão substituindo o setor bancário na oferta desse produto (BCB, 2022a).

Segundo Mckillop *et al.* (2020), as CCs são menos sensíveis à volatilidade do setor financeiro e dos ciclos econômicos, respondendo de forma mais ativa na oferta de crédito (possuem menos restrições às concessões de empréstimos/financiamentos), quando comparado aos bancos tradicionais, suavizando efeitos contracionistas nas recessões. Ademais, bancos tradicionais realocam recursos entre as regiões do país, com preferência para regiões mais prósperas. Já as CCs tendem a manter recursos em sua região de origem, contribuindo para a sua estabilidade econômica.

Dado o reconhecimento do papel das CCs para o desenvolvimento regional e de seu vigoroso crescimento recente no país, surge a necessidade de investigar sua atuação e seu desempenho em regiões periféricas, regiões que estão mais afastadas do centro dinâmico da economia nacional e/ou estadual, e, onde há menor presença de bancos tradicionais. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar o desempenho das CCs na mesorregião Oeste de Santa Catarina, considerada uma região com forte vínculo com a agroindústria de carnes, mas muito afastada dos grandes centros urbanos e industriais do Estado (Grande Florianópolis, Vale do Itajaí e Norte Catarinense) (Mattei; Lins, 2010; Kroth, 2016).

A análise será realizada a partir de dados secundários fornecidos pelo BCB (2022a) e da construção de indicadores de crédito, em nível de microrregiões para o período de 2016 a 2021, buscando responder a seguinte questão de pesquisa: em que medida as CCs contribuíram na criação de crédito regional?

Considera-se que estudos que visam compreender o papel do crédito e mais especificamente das CCs para o desenvolvimento regional ainda são escassos na literatura nacional (Oliveira; Araújo, 2022). Sendo assim, o trabalho visa contribuir para essa literatura, aprofundando a compreensão da atuação do setor bancário, e principalmente das CCs para a criação da oferta de crédito regional.

O estudo se organiza em mais quatro seções, além dessa introdução. Na segunda seção é realizada a revisão de literatura em que é discutido o papel do crédito para o desenvolvimento regional, demonstrando como os bancos agem para afetar a criação de crédito em regiões periféricas. Essa discussão é realizada com base na teoria pós-keynesiana. Ainda como parte da revisão de literatura, descreve-se como as CCs se inserem nessa perspectiva de criação de crédito regional e finaliza-se a seção, expondo a evolução do setor bancário brasileiro no período recente e suas implicações para o desempenho das CCs. Na terceira seção tem-se a metodologia e a descrição da região, objeto do estudo. A quarta seção, apresenta e analisa os resultados e na quinta seção, tece-se as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O LUGAR DO CRÉDITO NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A contribuição positiva do crédito (ou do desenvolvimento do sistema financeiro) no desempenho da atividade econômica, pode ser considerada bem estabelecida atualmente pela teoria econômica. Muitos trabalhos passaram a analisar essa relação a partir dos anos 1990, em virtude dos novos aportes teóricos de crescimento endógeno, microfundamentos da firma bancária (racionamento de crédito e preferência pela liquidez), e, ferramentas estatísticas e computacionais para mensurar os efeitos do crédito sobre a economia (King; Levine, 1993; Stiglitz; Greenwald, 2003; Kroth; Dias, 2012).

Nesses trabalhos, parte-se da perspectiva que as instituições financeiras realizam algumas funções específicas de intermediação bancária que favorecem a alocação de recursos sobre novos investimentos, e, portanto, geram crescimento econômico. De acordo com Levine (1997), pode-se sintetizar essas funções da seguinte maneira: capacidade de mobilizar fundos com os menores custos de informação e transação, tendo *expertise* para reduzir os riscos em selecionar e monitorar os melhores negócios, financiando investimentos, inovação e acumulação de capital humano.

Em nível regional, o crédito está presente como elemento central na literatura de Sistemas Regionais de Inovação (SRI's), em que se compreende a necessidade da existência de fundos e instituições financeiras que financiem projetos de inovação (Cooke *et al.*, 1997; Garcia *et al.*, 2022). Nestes termos, a literatura de SRI's concentrou-se em discutir a necessidade de viabilizar um sistema de financiamento de longo prazo, em que os bancos de desenvolvimento e de fomento, que se encarregam de mobilizar financiamentos de longo prazo, são preponderantes (Torres *et al.*, 2015).

Apesar de reconhecer sua importância, a literatura de SRI não tem se debruçado de forma mais profunda, em analisar como o comportamento de instituições bancárias e a mobilização de fundos financeiros podem iniciar ou inviabilizar processos de geração de emprego e renda em uma região. Esse objeto de estudo tem na literatura keynesiana, sua

principal referência, a qual se manifesta pelas lentes dos pós-keynesianos (Dow; Rodriguez-Fuentes, 1997; Crocco; Jayme Jr., 2007).

Os Pós-Keynesianos (PK), partem da premissa que o mercado bancário não contempla as características de um mercado perfeito, dando ênfase aos “padrões regionais de criação de crédito” e como esses padrões podem variar de uma região para outra. Segundo Dow e Rodriguez-Fuentes (1997), os padrões regionais de criação de crédito referem-se à capacidade de uma região mobilizar recursos e canalizá-los para o financiamento de atividades produtivas locais. Esse padrão, é determinado tanto por características de oferta e de demanda de crédito, como de fatores relacionados à demanda regional, que por sua vez, são afetados pelo princípio da preferência pela liquidez.

Segundo Amado (1997), a preferência pela liquidez pode ser entendida como a retenção de moeda em ativos mais líquidos, por parte dos agentes econômicos, em cenários de maior incerteza econômica. Em termos regionais, o sistema bancário presente em regiões periféricas, tende a possuir maior preferência por liquidez, em virtude da maior incerteza sobre a capacidade de geração de renda da região. Essa maior preferência pela liquidez dos bancos, reduz a oferta de crédito local, que por sua vez inibe novos investimentos na região, resultando em um círculo vicioso, mantendo essas regiões deprimidas⁵.

Além do comportamento dos bancos (ou de sua preferência pela liquidez), os PK também consideram que a oferta de crédito regional sofre influência da preferência de liquidez dos agentes regionais e do estágio de desenvolvimento financeiro/bancário. A primeira refere-se ao comportamento dos agentes possuidores de recursos (ou poupadores). Se há maior incerteza regional, maior será a preferência por liquidez, ou seja, maior a demanda por ativos líquidos e/ou migração de sua poupança para ativos líquidos de outras regiões, diminuindo a disponibilidade de fundos para empréstimos na economia local, e conseqüentemente, inibindo a oferta regional de crédito.

Por outro lado, se as expectativas sobre a região forem positivas, haverá maior confiança por parte do público e menor será sua preferência por liquidez. Logo, maiores serão as reservas locais disponíveis para crédito. Adicionalmente, se há crescimento da renda regional, amplia-se a quantidade de depósitos nos bancos, que por sua vez, amplia a disponibilidade de fundos para serem emprestados. Verifica-se neste ponto, que a demanda regional importa tanto para a geração de renda, como para a redução da preferência por liquidez, fatores que se reforçam para ampliar a oferta de crédito regional (Dow, 1987).

O estágio de desenvolvimento financeiro/bancário, está relacionado com a habilidade do sistema bancário regional viabilizar crédito para além de sua base de depósitos local, ou seja, enfatiza tanto a capacidade de captar recursos dentro e de outras regiões, como a capacidade de processar informações locais (inibindo a incerteza), ampliando assim o volume de crédito a ser ofertado regionalmente. Nesta perspectiva, o baixo nível de desenvolvimento bancário na região, é considerado uma das causas do baixo desenvolvimento regional (e não o contrário, ou seja, inverte-se a lógica da direção de causalidade) (Amado, 1997).

⁵ Os bancos tradicionais tendem a se concentrar em regiões centrais, pois os bancos se beneficiam das economias de escala e de aglomeração. Desta forma, regiões periféricas, que são mais afastadas do centro, possuirão um quantitativo menor de bancos e/ou de suas filiais, e podem estar sujeitas a verem os recursos captados no local, migrarem/vazarem para outras regiões.

Por fim, a tese PK também admite que a demanda de crédito possui capacidade de influenciar a oferta de crédito. Quando ocorre aumento na demanda de crédito, e esta é decorrente de expectativas positivas da região, essa atmosfera positiva pode contagiar o comportamento dos bancos, reduzindo sua preferência pela liquidez. Dessa forma, verifica-se que para os PK, o racionamento de crédito não é unicausal (dependente apenas dos bancos), mas sim multicausal (dependente de outros fatores, incluindo a demanda de crédito e a demanda regional) (Dow; Rodriguez-Fuentes, 1997).

Em síntese, a perspectiva PK do crédito regional, busca compreender quais os fatores que operam em nível regional, para promover a oferta de crédito em uma região periférica, dando destaque para a preferência pela liquidez dos bancos e dos poupadores, quantidade de depósitos, estágio de desenvolvimento financeiro dos bancos regionais e renda regional (demanda regional).

2.2 AS COOPERATIVAS DE CRÉDITO E A OFERTA REGIONAL DE CRÉDITO

As CCs, ao contrário dos bancos tradicionais (incluindo suas filiais regionais), que tendem a se localizar em regiões centrais e terem uma atuação em nível nacional ou internacional, podem ser consideradas instituições financeiras genuinamente locais/regionais, por serem criadas a partir de atores pertencentes a um território comum. Adicionalmente, as CCs possuem diferentes objetivos econômicos do que simplesmente maximizar lucros (como é o caso dos bancos tradicionais). As CCs visam atender as necessidades creditícias e bancárias de seus membros e complementarmente, maximizar prosperidade da região em que estão inseridas (McKillop *et al.*, 2020).

Essa característica das CCs, lhe conferem um grande diferencial de atuação em regiões periféricas, estando em melhores condições de promover a criação de crédito que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento regional. Isso ocorre, em virtude das CCs possuírem maiores relacionamentos com uma localidade e maior comprometimento com seus membros, priorizando assim, a oferta de crédito local (isto é, tendem a possuir menor preferência pela liquidez comparado com os bancos tradicionais). Ao priorizarem aplicações na comunidade, também evitam o dreno de recursos/fundos para outras regiões. Adicionalmente, as CCs prestam serviços de orientação/assessoria financeira para seus membros, contribuindo para a geração de empreendimentos mais sustentáveis/sólidos (Coccorese; Shaffer, 2020).

Em segundo lugar, as CCs são mais hábeis para avaliar e monitorar negócios locais, o que resulta em uma maior eficiência na alocação de recursos do crédito regional. Para Banerjee *et al.* (1994) há três fatores que explicam por que as CCs funcionam melhor que bancos em regiões periféricas: i) a participação de assegurados da comunidade com fortes relações pessoais e/ou interações repetidas ao longo do tempo, permitindo o acesso a maiores informações da situação econômico-financeira dos membros (*soft-information*); ii) papel da comunidade em sustentar comportamentos não-opportunísticos entre os membros; e, iii) melhor capacidade de monitorar os mutuários, monitoramento por pares (efeito vizinhança).

Deve se considerar ainda que, segundo McKillop *et al.* (2020), que as CCs são menos sensíveis à volatilidade do setor financeiro e dos ciclos econômicos, respondendo de forma mais ativa na oferta de crédito (possuem menos restrições às concessões de empréstimos/financiamentos), quando comparado aos bancos tradicionais, suavizando efeitos

contracionistas nas recessões. Fato esse que reforça a importância das CCs para a estabilidade do desenvolvimento regional.

Pelo lado da demanda de crédito, verifica-se que os membros das CCs tendem a dar preferência para os produtos e serviços da cooperativa, em virtude do apelo comunitário e das várias vantagens que as CCs lhe conferem, como: menores taxas de juros, menores custos de transação, atendimento pessoal, menores restrições à concessão de crédito, e finalmente, participação nas sobras (retornos) das CCs. Essas vantagens, também ajudam a explicar a canalização de poupança dos membros para a CCs, contribuindo para ampliar os fundos da cooperativa (Meinen; Port, 2014).

Com base nessas características de atuação das CCs, considera-se que estas instituições possuem grande capacidade de afetar o padrão de criação de crédito regional, conforme destacado na seção anterior. Nessa perspectiva, alguns estudos vêm buscando avaliar esse efeito positivo das CCs na concessão de crédito sobre a atividade econômica. Em nível de Brasil, Jacques e Gonçalves (2016) avaliando a presença de CCs em 3.580 municípios no período de 2007 a 2010, verificaram que municípios que possuem CC, apresentaram PIB p.c. de R\$ 1.825, maior, do que aqueles que não possuíam CC. Em outro estudo, enfatizando a presença de CCs de crédito solidário, Schuntzemberger *et al.* (2015) evidenciaram um impacto médio de R\$ 988, no PIB agropecuário dos municípios com a presença desse tipo de CC. No âmbito internacional, o trabalho de Coccorese e Shaffer (2020) avaliando o desempenho de CCs italianas, verificou que municípios que possuem a presença de CC cresceram 0,06% mais do que municípios sem a presença de CC, no período de 2001-2011. O estudo de Hakenes *et al.* (2015) encontrou melhora no desempenho econômico de regiões menos desenvolvidas da Alemanha, que detêm bancos locais de poupança (equivalentes de CCs).

Dado o aporte teórico apresentado, a próxima seção apresenta uma síntese da evolução recente do setor bancário nacional e da participação das CCs. Ao destacar essas mudanças, pode-se ter maior clareza do comportamento das CCs nas regiões brasileiras.

2.3 A EVOLUÇÃO RECENTE DO SETOR BANCÁRIO NACIONAL E AS COOPERATIVAS DE CRÉDITO

A atuação dos bancos brasileiros nos primeiros anos do século XXI vem seguindo uma tendência histórica, de alterar suas estratégias em decorrência das mudanças da orientação da política macroeconômica, do desempenho da economia nacional e para incorporar as inovações tecnológicas do setor (Paula; Oreiro, 2007). Nestes termos, pode-se demarcar dois momentos distintos (ou duas fases) nesse período: i) governos Lula e Dilma (2003-2015), em que ocorre uma ampliação do volume de crédito e capilaridade na rede de atendimento (Kroth, 2021); e, ii) governos Temer e Bolsonaro (2016-2022), fase em que os bancos retraem o crédito e tem-se a incorporação de grande volume de inovações bancárias, fenômeno conhecido como digitalização da economia (Oliveira; Araújo, 2022). O foco de análise dessa seção se concentrará nesse segundo momento, priorizando a exposição da atuação das CCs.

Segundo Oliveira e Araújo (2022), com o menor dinamismo da economia brasileira pós-2014 e de uma nova orientação de política macroeconômica (política contracionista visando combater a inflação e de menor intervenção no mercado de crédito por meio dos bancos públicos), o volume de crédito estagnou no período. A relação crédito/PIB passou de 53,9% em

2015 (pico histórico) para 47% em 2019, quando volta a crescer em virtude dos estímulos dados para combater a pandemia, chegando a 53,8% em 2022 (BCB, 2023a).

Esse comportamento do crédito, possui forte relação com a reestruturação do setor bancário recente, iniciada em 2016, quando ocorre um processo de incorporação da digitalização dos serviços e redução de custos administrativos (Bolzani, 2021). Esse ajuste tem como primeiro efeito, a redução do número de agências bancárias e a demissão de funcionários, que faz parte da estratégia de migrar o atendimento de seus clientes para canais virtuais. Segundo BCB (2023a), o número de agências bancárias passou de 20.069 unidades em 2015 para 17.215 em 2022.

A incorporação de meios digitais para a realização de transações de pagamentos, talvez tenha sido a grande marca do setor bancário brasileiro no período 2016-2022. De acordo com BCB (2022b), esse movimento de digitalização foi incentivado pela incorporação de inovações tecnológicas, mudanças no arcabouço legal (como a Lei n. 12.865/2013 e legislações infralegais subsequentes que favoreceram o desenvolvimento de novos arranjos e instituições de pagamentos), e, impulsionado pelos efeitos de isolamento social vivenciados no período da pandemia.

Pode-se destacar que as principais inovações bancárias foram o surgimento das *fintechs*, empresas de tecnologia que desenvolvem serviços bancários, regulamentadas em 2016. Essas empresas viabilizaram a expansão de bancos digitais, de novas instituições de pagamento (serviço de pagamento via cartão de crédito) e de *marketplaces* (que ampliaram o comércio eletrônico). Uma segunda inovação, foi o desenvolvimento do PIX, arranjo de pagamento instantâneo, instituído e operado pelo Banco Central, que iniciou em novembro de 2020. Com a implementação e disseminação do uso dessas inovações, teve-se como resultado, a maior utilização de transações por meio digital, ampliação do número de novos *players* no mercado de pagamentos e de crédito e redução da utilização de moeda física (BCB, 2022b).

Essas inovações bancárias impactaram a competição no setor, que pode ser observada pela queda de participação dos cinco maiores bancos do país (Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Santander e Caixa). A participação desses bancos em quatro diferentes segmentos de crédito (capital de giro pessoa jurídica, crédito pessoal, crédito consignado e cartão de crédito), passou de 74%, 76%, 79% e 81%, respectivamente no ano de 2016, para 63,5%, 53%, 74% e 71%, respectivamente, no ano de 2022. Tal redução de participação tem efeito direto da menor intervenção dos bancos estatais (BB e Caixa) que perderam 9,5%, 18%, 7% e 6% de participação nos segmentos, neste interregno (BCB, 2023a).

Paralelo às mudanças no setor bancário do país, as CCs apresentaram um desempenho significativo em termos de expansão de seus produtos e serviços, ampliando o quadro de cooperados, carteira de crédito e captação de depósitos. Segundo BCB (2022a), o número de cooperados cresceu 52,3% entre 2016 e 2021, com destaque para o crescimento de cooperados Pessoa Jurídica, com crescimento de 80%.

Em relação ao volume de crédito, as CCs apresentaram crescimento acima dos bancos tradicionais. Enquanto as cooperativas apresentaram crescimento anual médio de 23% entre 2016 e 2021, os bancos tradicionais cresceram 7%. Essa expansão resultou em um ganho de participação 2,7% para 6% na carteira de crédito do SFN. Esse mesmo desempenho observado nas operações de crédito, foi verificado na captação de depósitos, que passou de 5,1% para

7,0%. Destaca-se que essa expansão do crédito é liderada pelo crédito rural e pelo crédito para capital de giro. Em relação ao crédito rural, o volume negociado pelas CCs atingiu 21% do total de crédito rural do Sistema Financeiro Nacional em 2021, indicando que o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) tem substituído o setor bancário na oferta desse produto (BCB, 2022a).

Uma peculiaridade dessa expansão é que o número de CCs vem diminuindo, passando de 1.016 cooperativas em 2016 para 818 em 2021. Essa queda é decorrente de um processo de incorporação que as CCs iniciaram a partir de 2015, buscando ampliar ganhos de eficiência e de escala (BCB, 2020). Apesar da redução de cooperativas, o número de postos de atendimento (unidades de atendimento, equiparados às agências bancárias dos bancos tradicionais) apresentou uma evolução significativa entre 2016 e 2021, passando de 4.755 para 7.246. Com essa capilaridade no atendimento, as CCs ultrapassaram o número de agências bancárias tradicionais em 2021, passando a estar presentes em mais de 50% dos municípios brasileiros. Em muitos municípios, as cooperativas ainda são a única instituição financeira (Garcia, 2021; BCB, 2022a).

Pode-se considerar que essa evolução das CCs, foi favorecida por mudanças no arcabouço legal, como a Resolução do BCB n. 3.106/2013 (revisada pela resolução n. Lei n. 4.434/2015), que permitiu a constituição de (ou migração para) CCs de livre admissão, viabilizando a admissão de associados independente de atender algum critério, como é o caso dos associados pessoa jurídica. Em 2021, 56% das CCs eram de livre admissão, contra 33% em 2016.

Outras normativas do Banco Central na direção de ampliar e facilitar a captação de recursos pelas CCs, como as resoluções n. 4.716 e 4.763 de 2019 e a autorização para emissão de Letras de Crédito Imobiliário (LCI) em 2020; e, na direção de fortalecer a supervisão bancária a partir de 2019, com a auditoria cooperativa e fortalecimento da governança cooperativa, permitiram maior flexibilidade e segurança na atuação das CCs, estimulando maior procura por correntistas.

Esse crescimento do SNCC também é um indicativo de que as CCs estão tomando espaço dos bancos tradicionais, principalmente no interior do país, demonstrando que podem assumir maior protagonismo no setor de crédito brasileiro nos próximos anos, e dado sua forma de atuação, criar bases e/ou fomentar processos de desenvolvimento regional.

3 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa descritiva que utiliza como procedimentos técnicos, a pesquisa bibliográfica e documental (Gil, 2021). A estratégia de pesquisa utilizada foi a análise de dados secundários do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) e de estatísticas do SFN, ambos disponibilizados pelo Banco Central do Brasil (BCB, 2023a; 2023b). Adicionalmente, foi utilizado informações de produção e população municipal (IBGE, 2023). O período de análise compreendeu os anos de 2016 a 2021, os quais estavam disponíveis para o SNCC.

Em relação a amostragem e sujeitos de pesquisa, foi escolhida a amostragem por conveniência, em que se propôs analisar os municípios da mesorregião Oeste de Santa Catarina, que contempla um total de 118 municípios (correspondendo a 40% dos municípios

catarinenses). Os dados obtidos por municípios, foram agregados por microrregiões do IBGE. Nestes termos, a mesorregião Oeste de SC é dividida em cinco microrregiões: Chapecó, Concórdia, Joaçaba, São Miguel do Oeste e Xanxerê. Optou-se pela análise por microrregiões, em virtude que alguns dados do SNCC só estarem disponíveis por cooperativa de crédito matriz, ou seja, muitas cooperativas presentes nos municípios, estão vinculadas a uma matriz, que na maioria dos casos, é de origem de um município polo da microrregião.

A análise dos dados foi realizada em duas etapas complementares. Na primeira etapa foi avaliada a trajetória de atuação das CCs na mesorregião Oeste Catarinense, destacando sua evolução no tempo, a comparação com o observado no estado e a compreensão das estratégias que as CCs lançaram mão para obterem o desempenho observado. Para esse fim, analisou-se as seguintes informações: número de cooperativas, número de PAs e número de associados, divididos por segmento Pessoa Física (PF) e Pessoa Jurídica (PJ).

Na segunda parte, foram apresentados indicadores econômico-financeiros das CCs, como concessão de crédito (carteira de crédito classificada), captações, lucro líquido e Indicador de Preferência de Liquidez (IPL), visando abordar a contribuição das CCs na oferta de crédito regional, conforme enunciado na revisão de literatura. Quanto ao cálculo do IPL, seguiu-se a metodologia proposta por Torres et al. (2015), a qual consiste no quociente entre volume de captações (poupança e depósitos à prazo) dividido pelo volume de operações de crédito.

Para que essa análise seja mais consistente, buscou-se traçar alguns comparativos com a atuação dos bancos tradicionais na região. Com essa estratégia de análise, tem-se um quadro de como o crescimento da atuação das CCs vem assumindo maior protagonismo no mercado de crédito regional e possuindo uma postura mais ativa na oferta de crédito. Dado que as informações utilizadas se referem a variáveis de estoque, considerou-se sempre o mês de dezembro de cada ano como base para a coleta da informação. As variáveis monetárias foram deflacionadas pelo IPCA tendo o ano de 2021 como referência.

Quanto a mesorregião Oeste Catarinense, ressalta-se que ela possui características socioeconômicas que estimulam uma análise mais aprofundada desta região, como presença de cooperativas agropecuárias, muitas delas fomentadoras de cooperativas de crédito, grande participação da agricultura familiar e histórico de atuação de grandes sistemas de cooperativas de crédito (Burigo, 2007; Kroth, 2016; Tomazzoni; Schneider, 2022).

Destaca-se que a mesorregião Oeste é uma das seis mesorregiões do estado de Santa Catarina, que contempla ainda Sul, Norte, Serrana, Grande Florianópolis e Vale do Itajaí, conforme pode ser visualizado na Figura 1. O Oeste Catarinense possui um total de 118 municípios com população estimada em 2020 pelo IBGE (2023) em 1,302 milhão de habitantes, equivalendo a 18% da população catarinense.

Figura 1 – Mapa do estado de Santa Catarina dividido por microrregiões do IBGE, destacando as microrregiões pertencentes a mesorregião Oeste.



Fonte: Begnini e Almeida (2016).

Em termos econômicos, o Oeste possuía um PIB de R\$ 61,3 bilhões em 2020, correspondendo a 17,5% do PIB estadual. O PIB per capita em 2020 estava em R\$ 47.115. O setor de atividade que mais contribuiu para o PIB foi a agropecuária, equivalendo a 33%, seguido de serviços (30%), indústria (20%) e administração pública (17%). No período de 2016 a 2020, a região apresentou crescimento econômico de 11,0%, acima nas demais regiões do estado, que foi de 9,7%, demonstrando seu dinamismo econômico (IBGE, 2023).

Os números da economia demonstram que a região tem forte relação com a agroindústria, a qual é considerada como um complexo moderno de produção de carnes e derivados, com destaque para a produção de aves, suínos e lácteos. A região concentra grandes frigoríficos e é a maior exportadora de carnes do país. A região também possui uma presença de cooperativas agropecuárias, que possuem parcerias com cooperativas de crédito (Mattei; Lins, 2010; Kroth, 2016).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme salientado na seção anterior, essa seção está dividida em duas partes. Na primeira parte é realizada a análise da trajetória de atuação das CCs na mesorregião Oeste Catarinense no período de 2016 e 2021; e, na segunda parte, apresenta o desempenho das CCs na oferta de crédito regional, com base em indicadores econômicos financeiros.

4.1 EVOLUÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NA MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE

O primeiro olhar lançado para analisar a evolução das CCs refere-se à quantidade dessas instituições operando na mesorregião. Neste quesito, percebe-se pela Tabela 1 que o número de CCs no Oeste Catarinense apresentou queda de 7,9% no período de 2016 a 2021, passando de 38 cooperativas em 2016 para 35 em 2021. As microrregiões que apresentaram decréscimo, foram: Chapecó (no ano de 2017), Concórdia (em 2019) e São Miguel do Oeste (daqui em diante SMO) no ano de 2000, todas com redução de uma unidade. Essa redução pode ser

decorrente de fechamento (encerramento das atividades) ou de incorporação por outra cooperativa de crédito.

Verifica-se que a mesorregião Oeste obteve desempenho melhor neste quesito, se comparado com o estado de Santa Catarina, que apresentou queda de 9,3%, e com o verificado no país, em que o decréscimo foi de 19,5%. Nesta perspectiva, pode-se considerar que a presença de CCs na mesorregião Oeste, acompanhou o movimento nacional que passa a ocorrer no país após 2015, em que muitas CCs passam por uma mudança de estratégia, de realizar incorporações de unidades, visando obter ganhos de escala e de eficiência em suas operações (BCB, 2020).

Tabela 1 – Número de cooperativas por microrregião do Oeste de Santa Catarina e comparativo com o total do estado – 2016-2021

Microrregião	Nº Munic.	Total de Cooperativas de Crédito						Var. % 16-21
		2016	2017	2018	2019	2020	2021	
Chapecó	38	14	13	13	13	13	13	-7,1
Concórdia	15	6	6	6	5	5	5	-16,7
Joaçaba	27	7	7	7	7	7	7	0,0
S. Miguel Oeste	21	5	5	5	5	5	4	-20,0
Xanxerê	17	6	6	6	6	6	6	0,0
Meso Oeste SC	118	38	37	37	36	36	35	-7,9
Santa Catarina	295	108	104	100	99	99	98	-9,3
Relação Meso Oeste/SC	0,4	0,35	0,36	0,37	0,36	0,36	0,36	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Central (2023).

Embora tenha-se observado fechamento de três cooperativas na mesorregião, sua presença física avançou 61% em termos de número de Postos de Atendimentos (PAs). A Tabela 2 demonstra que a mesorregião passou de 285 unidades em 2016 para 459 unidades em 2021, equivalendo a 3,9 unidades por município da Meso Oeste. Esse crescimento regional ficou acima do estadual (54,2%) e do país (52,4%), muito influenciado pelos desempenhos das microrregiões de Joaçaba (155,6%) e de SMO (72,5%).

Pode-se considerar que a expansão no número de PAs deve-se a uma segunda estratégia do movimento cooperativista, de captar novos clientes e assumir um espaço que foi sendo deixado pelos bancos tradicionais. Segundo Garcia (2021), as CCs investiram no diferencial do atendimento presencial, distanciando-se da estratégia dos bancos que optaram por migrar seu atendimento pessoal para o virtual, com efeito direto sobre o fechamento de agências.

Outro aspecto que ajuda explicar esse crescimento de PAs decorre da própria concorrência entre os três principais sistemas cooperativistas de três níveis (Sicredi, Sicoob e Cresol) e da entrada de “novas” CCs na região (externas às três principais), como é o caso do sistema Ailos⁶ e Unicred, que motivadas pela expansão econômica regional, buscaram captar clientes na região Oeste (Lima, 2023). Nestes termos, observa-se que em todos os municípios da mesorregião Oeste, há a presença de pelo menos uma cooperativa de crédito atuando através de seus PAs.

⁶ O Ailos é um sistema cooperativo de crédito formado por 13 cooperativas singulares, que somam mais de um milhão de cooperados distribuídos no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de uma cooperativa central. Sua sede fica em Blumenau-SC.

Tabela 2 – Número de postos de atendimentos das cooperativas de crédito por microrregião do Oeste de Santa Catarina e comparativo com o total do estado – 2016-2021

Microrregião	Nº Munic.	Total de Postos de Atendimentos						
		2016	2017	2018	2019	2020	2021	Var. % 16-21
Chapecó	38	145	146	150	155	175	197	35,9
Concórdia	15	30	31	33	38	41	48	60,0
Joaçaba	27	36	40	44	49	57	92	155,6
S. Miguel Oeste	21	40	42	51	60	63	69	72,5
Xanxerê	17	34	41	45	47	47	53	55,9
Meso Oeste SC	118	285	300	323	349	383	459	61,0
Santa Catarina	295	749	786	839	912	1.023	1.155	54,2
Relação Meso Oeste/SC	0,40	0,38	0,38	0,38	0,38	0,37	0,40	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Central (2023).

Essa presença física de instituições financeiras nos municípios acaba fazendo muita diferença para o desenvolvimento local, pois além de oferecer serviços bancários que facilitam e barateiam as transações econômicas, proporcionam meios de aplicação de recursos gerados na localidade (mediante depósitos) e facilitam o acesso ao crédito. Também deve-se considerar que as CCs passam a demandar mão de obra local, fixando pessoas nos municípios. O foco no atendimento presencial contribui na educação financeira da população e muitas CCs auxiliam em ações comunitárias locais, fortalecendo o capital social (OCB, 2023).

Alinhado com a estratégia de expansão de PAs, as cooperativas vislumbraram um crescimento significativo de novos cooperados na mesorregião, conforme pode ser observado pela Tabela 3. A entrada de novos cooperados representa para as cooperativas, maior aporte de capital (pagamento da cota capital), mas principalmente, representa uma oportunidade para ampliação da carteira de negócios e com grande potencial de garantir uma relação comercial de longo prazo, tendo em vista que o cooperado reconhece o diferencial de ser sócio, e, portanto, busca a fidelização com a cooperativa, para garantir seu sucesso econômico-financeiro (BCB, 2020; Büttendebender; Brizolla; Deves, 2020).

Pelos números expostos na Tabela 3, pode-se constatar que o total de cooperados cresceu 45,7% na mesorregião no período de 2016 e 2021, passando de 516,7 mil para 752,8 mil no período. Esse resultado ficou abaixo do verificado pelo estado catarinense, que ampliou em 74,2%. Entre as microrregiões do Oeste, a microrregião de Concórdia apresentou maior crescimento, de 69,7%.

Ao analisar essa evolução por segmento, percebe-se que o número de associados PF ampliou 43%, enquanto o PJ cresceu 70% na mesorregião. Esse melhor desempenho do segmento PJ, está alinhado a uma mudança de estratégia por parte das cooperativas, conforme demonstrado por BCB (2022a), em que as mesmas passaram a direcionar esforços para ampliar os clientes PJ, quando da mudança da legislação, que permitiu a alteração da natureza das cooperativas para livre adesão. A busca por clientes PJ possibilita novas oportunidades de operações e serviços bancários, ampliando o rol de atuação das cooperativas, e consequentemente, sua rentabilidade. O maior crescimento do público PJ ocorreu em todas as microrregiões, com exceção da microrregião Concórdia, em que o segmento PF foi superior em 3,3%.

Em relação ao segmento PF, destaca-se que o maior crescimento na mesorregião ocorreu entre as mulheres (+57,3%), enquanto os homens apresentaram aumento de 40,7%. Ao fazer a comparação com os números da população regional para o ano de 2020, segundo o IBGE

(2023), a relação entre cooperados PF e população foi de 0,58 na mesorregião Oeste, ou seja, 58% da população da região está associada em alguma cooperativa de crédito. Esse indicador é maior que o observado no estado de Santa Catarina, que obteve 0,30, demonstrando a importância dessas instituições para a região e como a população as valoriza⁷.

Tabela 3 – Evolução do número de cooperados Pessoa Física (PF) e Pessoa Jurídica (PJ), por microrregião – 2016 a 2021.

Região*	Tipo**	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Var% 2016/2021
XAP	PF	172.014	186.922	197.890	212.079	225.004	242.580	41,0
	PJ	18.845	21.409	23.703	26.450	29.602	33.830	79,5
	Total	190.859	208.331	221.593	238.529	254.606	276.410	44,8
CON	PF	63.874	71.901	81.611	91.192	99.409	108.652	70,1
	PJ	8.110	9.008	10.031	11.157	12.088	13.529	66,8
	Total	71.984	80.909	91.642	102.349	111.497	122.181	69,7
JOA	PF	81.699	89.843	97.304	106.770	112.571	123.370	51,0
	PJ	10.131	11.571	12.984	14.745	15.175	17.155	69,3
	Total	91.830	101.414	110.288	121.515	127.746	140.525	53,0
SMO	PF	92.719	95	99.152	103.763	105.483	109.635	18,2
	PJ	8.180	8.949	9.694	10.456	11.178	12.498	52,8
	Total	100.899	104	108.846	114.219	116.661	122.133	21,0
XXE	PF	55.050	61.516	66.423	72.306	76.769	81.202	47,5
	PJ	6.102	6.963	7.833	8.736	9.355	10.371	70,0
	Total	61.152	68.479	74.256	81.042	86.124	91.573	49,7
Meso Oeste SC	PF	465.356	410.277	542.380	586.110	619.236	665.439	43,0
	PJ	51.368	57.900	64.245	71.544	77.398	87.383	70,1
	Total	516.724	459.237	606.625	657.654	696.634	752.822	45,7
Santa Catarina	PF	1.438.632	1.590.002	1.743.236	1.933.927	2.150.049	2.441.343	69,7
	PJ	184.932	217.136	250.642	291.422	333.546	386.893	109,2
	Total	1.623.564	1.807.138	1.993.878	2.225.349	2.483.595	2.828.236	74,2
Relação Meso Oeste/SC	PF	0,32	0,26	0,31	0,30	0,29	0,27	
	PJ	0,28	0,27	0,26	0,25	0,23	0,23	
	Total	0,32	0,25	0,30	0,30	0,28	0,27	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Central (2023). * XAP = Microrregião de Chapecó; CON = Microrregião de Concórdia; JOA = Microrregião de Joaçaba; SMO = Microrregião de São Miguel do Oeste; XXE = Microrregião de Xanxerê. ** PF = Pessoa Física; PJ = Pessoa Jurídica.

Pode-se considerar que essa expansão do número de associados na meso Oeste possui relação com ações mais contundentes/agressivas por parte das CCs em captar maior número de associados, como por exemplo a ampliação da distribuição de sobras (lucros). Alinhado a essa ação, muitas cooperativas criaram critérios de distribuição, que levam em conta a qualidade do relacionamento do cooperado, ou seja, quanto mais produtos e serviços da CC utilizados pelo associado, maior é a participação nas sobras. Esses formatos de distribuição acabam também por fortalecer os vínculos entre associado e cooperativa, estimulando um relacionamento de longo prazo (Meinen; Port, 2014; Ferreira; Griebeler, 2022).

Para além das estratégias específicas de ampliar a fidelização por parte das cooperativas, deve-se salientar que essas instituições passaram de uma atuação marginal no mercado de crédito e bancário brasileiro no início dos anos 2000, para uma atuação de protagonismo no mercado regional (BCB, 2020). Esse novo posicionamento no mercado, deve-se a conquista e

⁷ É possível que esse indicador (número de cooperados e relação a população) esteja sobrevalorizado, tendo em vista que, conforme indica o Banco Central (2023b), um cooperado (com mesmo CPF ou CNPJ) é contado duas vezes, caso ele tenha conta em duas cooperativas diferentes.

construção de algumas “vantagens comparativas”, quando comparadas com os bancos tradicionais, como: distribuição de sobras já mencionada, custos de manutenção de conta e de crédito mais baixos, atendimento pessoal e maior remuneração nas aplicações.

Dessa forma, evidencia-se que tais vantagens ficaram perceptíveis à população regional, que passou a realizar uma migração do banco tradicional para cooperativa, ou simplesmente abrindo uma conta na cooperativa para ter uma segunda opção de banco. Não menos importante para esse movimento de migração bancária, foram as facilidades tecnológicas, que reduziram os custos de entrada em novas instituições financeiras; e, pelas mudanças institucionais e do arcabouço legal ocorridas, como a criação do Fundo Garantidor Cooperativo (FGCoop) e o Cadastro Positivo, que criaram maior segurança e confiança por parte dos clientes nas CCs. (BCB, 2019).

Em termos de comparativo entre o desempenho da Meso Oeste com o do estado catarinense, verificou-se que a participação da mesorregião Oeste caiu no período, passando de 32% para 27%, o que demonstra que a expansão das cooperativas nas demais regiões catarinenses, foi mais ampla e intensa do ponto de vista da prospecção de novos associados. Por outro lado, o número de PAs ampliou em percentual maior que a variação percentual do número de cooperados, 61% contra 45,7%, respectivamente. Essa diferença demonstra que há espaço para que as CCs da meso Oeste, ampliem sua carteira de clientes nos próximos anos.

4.2 DESEMPENHO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NA CRIAÇÃO REGIONAL DE CRÉDITO

Nesta seção é apresentado um segundo conjunto de indicadores de desempenho das CCs, com ênfase para a oferta de crédito, que confirmam a solidez do crescimento observado nos dados da seção anterior. A Tabela 4 ilustra cinco indicadores de desempenho econômico-financeiro das CCs que são utilizados e divulgados pelo BCB (2023): i) *ativo total*, que contempla desde recursos disponíveis em caixa/tesouraria, como aplicações financeiras realizadas no mercado de crédito, estoques de títulos públicos e operações de crédito; ii) *carteira de crédito classificada*, denominação dada pelo Banco Central para as operações de crédito consideradas relevantes para as CCs, ou seja, excluem as operações de financiamento imobiliário, financiamento à exportação e à importação, bem como as operações realizadas com clientes com exposição acima de R\$100 milhões, que são considerados segmento *corporate*. Essa classificação é realizada pelo Banco Central para fins de comparação com os bancos tradicionais; iii) *captações*, representado pelas aplicações de recursos realizados pelos cooperados nas cooperativas, majoritariamente representado pelas aplicações em poupança e depósitos à prazo; iv) *lucro líquido*, refere-se ao resultado anual da cooperativa e disponível para sobras, de acordo com o seu estatuto; e, v) *lucro líquido por cooperado*, que consiste na divisão entre o lucro líquido e o número total de cooperados.

Verifica-se que os cinco indicadores expostos na Tabela 4, obtiveram crescimento na mesorregião Oeste entre os anos de 2016 a 2021, evidenciando o bom desempenho das CCs regionais. As únicas exceções a esse desempenho geral, foi o indicador de lucro líquido/cooperado nas microrregiões de SMO e Xanxerê que sofreu decréscimo no período. Com base nesse desempenho de indicadores, pode-se afirmar que as estratégias de expansão, consolidação e lançamento de novos produtos e serviços por parte das CCs regionais, foram

exitosas, contribuindo para consolidar essas instituições como importantes agentes de crédito, ampliando seu poder de concorrência no mercado bancário e de crédito regional (BCB, 2022a).

Em relação a oferta de crédito, representada pela “carteira de crédito classificada”, verifica-se que houve uma forte expansão entre o período de 2016 a 2021, de 132%. Percebe-se, porém, que, a maior parte desse crescimento veio a partir de 2020, quando cresceu 60,2%. Esse período contemplou a Pandemia da Covid-19, que criou grande instabilidade econômica, afetando a maioria dos setores de atividade econômica, com reflexos diretos sobre a restrição de crédito por parte dos bancos tradicionais. Conforme BCB (2020), as CCs adotaram uma postura diferenciada no período, buscando atender a demanda de crédito e dando suporte a seus cooperados, o que resultou em uma ampliação de sua participação no mercado de crédito. Esse comportamento das CCs vai ao encontro do exposto por Mckillop *et al.* (2020), em que as CCs são menos sensíveis aos ciclos econômicos, respondendo de forma mais ativa na oferta de crédito.

Quanto aos dados analisados da “carteira de crédito classificada”, deve-se atentar que o Banco Central ainda não disponibiliza dados de CCs desagregados por unidades de atendimento (PAs), ou mais especificamente por município, como já acontece com os bancos tradicionais⁸. Dessa forma, as operações divulgadas/disponibilizadas por CCs, contemplam todas as operações realizadas pelos seus diferentes PAs, mesmo que estejam localizados em outras regiões do estado ou de outros estados. Ainda assim, os dados apresentados podem ser utilizados como uma *proxy* do dinamismo das CCs regionais, pois mesmo que parte das operações de crédito tenham sido realizada em outras regiões, tais operações acabam tendo reflexos locais, como a constituição de fundos para empréstimos e melhora nos resultados a serem distribuídos como sobras.

O volume de captações também observou crescimento (+89,5%), sendo maior que o verificado no estado (+54,6%). Segundo Dow e Rodrigues-Fuentes (1997) o estágio ou nível de desenvolvimento financeiro das CCs, que permite ter bons produtos de captação (e demais produtos do mercado bancário) e capilaridade no atendimento, proporciona condições de absorver a renda criada regionalmente, resultando em ampliação do *funding* para a oferta de crédito local.

⁸ Estatística bancária mensal por município (BCB, 2023a).

Tabela 4 – Indicadores econômico-financeiros de cooperativas de crédito por microrregiões da região Oeste de Santa Catarina – 2016,2019 e 2021

Região **	Ano	Ativo Total*	Carteira de Crédito Classificada*	Captações*	Lucro Líquido (LL)*	LL por cooperado (R\$)
XAP	2016	6.500.638	2.695.025	4.527.824	42.624	223,3
	2019	7.048.637	3.818.145	5.396.355	99.520	417,2
	2021	12.823.219	6.382.967	8.269.681	73.893	267,3
	var% 21/16	97,3	136,8	82,6	73,4	19,7
CON	2016	1.595.514	696.205	1.140.211	28.687	398,5
	2019	2.172.467	1.156.291	1.617.009	31.886	311,5
	2021	3.360.904	2.310.489	2.533.023	56.550	462,8
	var% 21/16	110,6	231,9	122,2	97,1	16,1
JOA	2016	1.072.979	480.678	780.544	7.412	80,7
	2019	1.429.256	721.931	1.030.499	10.105	83,2
	2021	2.087.912	545.978	1.421.264	24.094	171,5
	var% 21/16	94,6	13,6	82,1	225,1	112,5
SMO	2016	423.295	163.980	291.948	4.896	48,5
	2019	548.045	238.318	345.932	5.095	44,6
	2021	697.232	319.593	461.296	4.281	35,1
	var% 21/16	64,7	94,9	58,0	-12,6	-27,7
XXE	2016	881.822	56.804	51.972	19.659	321,5
	2019	869.924	732.253	504.584	7.365	90,9
	2021	1.699.585	1.118.951	1.072.599	16.832	183,8
	var% 21/16	92,7	1869,9	1963,8	-14,4	-42,8
MES	2016	10.474.247	4.603.926	7.260.245	103.277	199,9
O	2019	12.068.329	6.666.938	8.894.378	153.970	234,1
OEST	2021	20.668.852	10.677.978	13.757.863	175.650	233,3
E SC	var% 21/16	97,3	131,9	89,5	70,1	16,7
SC	2016	43.800.480	15.582.646	31.410.116	395.026	243,3
	2019	61.930.888	23.236.034	33.879.800	634.611	285,2
	2021	83.171.727	40.486.509	48.547.960	804.449	284,4
	var% 21/16	89,9	159,8	54,6	103,6	16,9

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Central (2023). *Dados em R\$ 1.000,00. ** XAP = Microrregião de Chapecó; CON = Microrregião de Concórdia; JOA = Microrregião de Joaçaba; SMO = Microrregião de São Miguel do Oeste; XXE = Microrregião de Xanxerê.

Em termos de lucratividade, o “lucro líquido” e o “lucro líquido por cooperado” obtiveram crescimento (70,1% e 16,7%, respectivamente). No entanto, o desempenho da Meso Oeste ficou abaixo do crescimento das demais CCs do estado. Esse desempenho regional aquém do estadual, pode estar refletindo o aumento de custos administrativos na abertura de novos PAs e/ou da absorção de resultados negativos de cooperativas incorporadas. De acordo com BCB (2022a), as CCs passaram a lançar mão de algumas ações para ampliar a rentabilização de seus clientes, como por exemplo a ampliação de novos produtos bancários (cartão de crédito, seguros) e a cobrança de tarifas de manutenção de conta. Tais ações podem estar refletindo na ampliação do lucro líquido, apesar do aumento dos custos administrativos da ampliação do número de PAs.

Tabela 5 – Indicadores de crédito selecionados de bancos tradicionais e de cooperativas de crédito por microrregiões da região Oeste de Santa Catarina – 2016, 2019 e 2021

Região **	Ano	Número de Agências	Operações de crédito*	Captações*	Op. de crédito sem financ imob*	Carteira de Crédito das CCs	Participação das CCs no crédito total
XAP	2016	59	8.155.613	3.293.526	5.846.340	2.695.025	0,32
	2019	48	7.907.296	3.512.832	5.405.934	3.818.145	0,41
	2021	46	8.729.147	3.867.569	6.195.563	6.382.967	0,51
	var% 21/16	-22,0	7,0	17,4	6,0	136,8	60,83
CON	2016	20	1.930.592	1.225.915	1.268.739	696.205	0,35
	2019	16	1.681.649	1.196.666	1.082.221	1.156.291	0,52
	2021	14	1.603.613	1.133.666	1.066.744	2.310.489	0,68
	var% 21/16	-30,0	-16,9	-7,5	-15,9	231,9	93,09
JOA	2016	55	5.038.378	2.931.076	3.841.919	480.678	0,11
	2019	41	4.538.201	3.149.558	3.314.785	721.931	0,18
	2021	38	4.710.582	3.706.310	3.521.561	545.978	0,13
	var% 21/16	-30,9	-6,5	26,4	-8,3	13,6	20,71
SMO	2016	24	1.817.534	523.761	1.475.084	163.980	0,10
	2019	17	1.613.672	500.643	1.290.320	23.832	0,02
	2021	15	1.798.513	517.156	1.510.164	319.593	0,17
	var% 21/16	-37,5	-1,0	-1,3	2,4	94,9	74,59
XXE	2016	24	1.960.869	806.122	1.454.743	568.037	0,28
	2019	17	1.647.232	852.565	1.094.950	732.253	0,40
	2021	16	1.768.658	941.237	1.215.622	1.118.951	0,48
	var% 21/16	-33,3	-9,8	16,8	-16,4	97,0	70,68
MESO OESTE SC	2016	182	18.902.986	8.780.402	13.886.827	4.603.926	0,25
	2019	139	17.388.051	9.212.264	12.188.211	6.666.938	0,35
	2021	129	18.610.513	10.165.938	13.509.654	10.677.978	0,44
	var% 21/16	-29,1	-1,5	15,8	-2,7	131,9	77,31

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Central (2023). *Dados em R\$ 1.000,00. ** XAP = Microrregião de Chapecó; CON = Microrregião de Concórdia; JOA = Microrregião de Joaçaba; SMO = Microrregião de São Miguel do Oeste; XXE = Microrregião de Xanxerê.

A Tabela 5 apresenta dados da presença e da atuação dos bancos tradicionais em relação ao número de agências bancárias e oferta de crédito, com o objetivo de comparar com o realizado pelas CCs. A comparação permite confirmar a tese de que as CCs passaram a ser protagonistas no mercado bancário e de crédito regional, tomando espaço dos bancos tradicionais.

Com relação ao número de agências bancárias, houve redução de 29,1% entre 2016 e 2021, passando de 182 para 129 agências, queda que foi observada em todas as microrregiões. Conforme já mencionado anteriormente, os bancos inverteram sua estratégia após 2016, quando passaram a reduzir os pontos de atendimento, fenômeno também observado no Oeste de Santa Catarina. Conforme discutido na seção 2.2, as CCs adotaram uma posição diferente, ampliando em 61% os PAs, atingindo um montante de 459 postos em 2021 (Garcia, 2021).

A oferta de crédito geral dos bancos decresceu em -1,5% na mesorregião, e quando considerada as operações de crédito sem o financiamento bancário, a queda foi de -2,7%. Essa queda demonstra o comportamento de maior preferência por liquidez por parte dos bancos tradicionais, reduzindo sua oferta em momentos de maior incerteza, como é o caso da pandemia. Por outro lado, também pode estar evidenciando o efeito na queda do número de agências, que deixam de se relacionar com clientes e realizar negócios na região. Com esse comportamento dos bancos, as CCs ampliaram sua participação no total do crédito concedido regionalmente, passando de 25% em 2016 para 44% em 2021, demonstrando a importância das CCs para a criação de crédito regional.

Tabela 6 – Índice de preferência por liquidez de cooperativas de crédito e de bancos atuantes na mesorregião Oeste de Santa Catarina – 2016 a 2021

Região	Instituição Financeira	Preferência por Liquidez		
		2016	2019	2021
Chapecó	CCs	1,68	1,41	1,30
	Bancos	0,56	0,65	0,62
Concórdia	CCs	1,64	1,40	1,10
	Bancos	0,97	1,11	1,06
Joaçaba	CCs	1,62	1,43	2,60
	Bancos	0,76	0,95	1,05
São Miguel	CCs	1,78	1,45	1,44
	Bancos	0,36	0,39	0,34
Xanxerê	CCs	0,91	0,69	0,96
	Bancos	0,55	0,78	0,77
Meso Oeste SC	CCs	1,58	1,33	1,29
	Bancos	0,63	0,76	0,75
Santa Catarina	CCs	2,02	1,46	1,20
	Bancos	1,48	1,78	1,65

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Central (2023).

Como última análise, a Tabela 6 traz a relação entre captações de recursos (depósitos em poupança e depósitos à prazo divididos pela concessão de crédito) que representa a preferência pela liquidez de CCs e de bancos. Conforme verificado na seção 2, a preferência pela liquidez pelas instituições financeiras é um dos principais fatores que explicam a oferta de crédito regional. Uma leitura desse índice seria que no ano de 2021 na microrregião de Chapecó, para cada R\$ 1,0 em crédito concedido pelas CCs, havia R\$ 1,30 em depósitos.

Verifica-se que o Índice de Preferência pela Liquidez (IPL) das CCs da meso Oeste diminuiu no período, passando de 1,58 para 1,29, refletindo o movimento de expansão que foi observado, mas também demonstra que as CCs passaram a ficar mais confiantes na concessão de empréstimos para a região. Em comparação com o IPL apresentado pelos bancos, verifica-se que as CCs possuem um IPL mais elevado, contrariando a hipótese levantada na seção 3.

As possíveis explicações para esse maior IPL das CCs se dá pelo aumento de sua captação (variação de +89,5%) no período, e, somado com maior nível de regulação do Banco Central, mantiveram uma postura cautelosa, garantindo maior segurança em suas operações, conforme demonstrado em BCB (2022). Esse aspecto é positivo do ponto de vista da sustentabilidade do crédito na região, considerando que as CCs possuem *funding* razoável e solidez para manter sua atuação.

Já em relação ao IPL observado pelos bancos, compreende-se que tanto o menor volume de captações no período (+15,8%), como pelo seu comportamento pró-cíclico, dado que a

mesorregião Oeste observou crescimento no período, contribuíram para manter concessões de crédito, resultando num menor IPL. Ressalta-se ainda que, em Santa Catarina, o antigo Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), possuía agências em todos os municípios, que foram mantidas quando esse passou para o controle do Banco do Brasil (processo de incorporação finalizado em 2009). Neste caso, um banco tradicional pôde-se valer de uma estrutura e *expertise* regional, para manter sua quantidade de crédito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou a atuação das CCs em uma mesorregião periférica da Região Sul do Brasil, buscando compreender o papel desse tipo de instituição financeira e sua capacidade de afetar o padrão regional de criação de crédito e, por consequência, sua possibilidade de estimular o desenvolvimento regional.

Foi possível observar que as CCs da meso Oeste Catarinense tiveram um crescimento significativo em termos de número de postos de atendimentos, de associados e de ativos totais, passando a tomar espaço dos bancos tradicionais, que perderam competitividade, à medida que direcionaram seu foco para o atendimento digital e para clientes de mais alta renda. Esse desempenho das CCs da mesorregião, espelha o ocorrido em nível estadual e nacional, com algumas especificidades, como o fato da maior abertura de PAs e maior proporção de associados dentro da população total.

Compreende-se que esse crescimento das CCs foi derivado de dois fatores principais. O primeiro, por um conjunto de melhorias no plano institucional proporcionadas pelas autoridades monetárias nacionais, que acabaram flexibilizando sua forma de atuação, como a transformação de CCs de livre admissão, ampliação das formas de captação de recursos, e, de medidas de segurança, como maiores ações de fiscalização prudencial e a criação do FGCoop.

O segundo fator, foi a mudança de comportamento (ou de estratégia) das próprias CCs, que passaram a direcionar esforços em maior presença física nos municípios e investir em produtos e serviços para atrair novos associados. Verificou-se que esses investimentos permitiram que as CCs ascendessem no seu estágio de desenvolvimento financeiro, elemento preponderante para a literatura pós-keynesiana, para mobilizar recursos gerados na região. Conjugado com essa expansão no atendimento e modernização dos produtos, as CCs conseguiram construir um diferencial para a população regional, que foi o menor custo de transação e de crédito, participação nas sobras, atendimento presencial e maior participação e interação com a vida comunitária local, que resultou na preferência pela população local por esse tipo de instituição bancária.

Sempre é importante lembrar que, para além desses dois fatores principais, não há como desvincular a importância do desempenho econômico do setor agroindustrial da região (demanda regional) que possibilitou a geração de renda local, criando um clima favorável para os empreendimentos (e/ou de menor incerteza econômica). O outro fator presente é a própria cultura cooperativista da região, que acaba consolidando essa preferência da população pelas CCs, isto é, menor preferência por liquidez em instituições financeiras locais. Fatores esses que também estão presentes na visão pós-keynesiana de crédito regional.

A partir da compreensão dessa evolução das CCs, o ponto de maior interesse no estudo, concentrou-se em avaliar em que medida esse comportamento das CCs se convertia em ampliação do volume de crédito e por consequência, alteração no padrão regional de criação de crédito. Neste sentido, os dados demonstraram que as CCs apresentaram melhor desempenho na oferta de crédito classificado, comparado com os bancos, em que sua concessão ampliou em mais de seis vezes no período, o que contribuiu para ampliar sua participação no crédito total de 25% para 44%. Portanto, compreende-se que esse desempenho das CCs da meso Oeste, corrobora com a tese da literatura pós-keynesiana de que bancos regionais, representados pelas CCs, possuem melhores condições de afetar o padrão regional de crédito.

Apesar desse resultado positivo na oferta de crédito, o indicador que mede o apetite pelo crédito por parte das instituições financeiras, indicador de preferência por liquidez, apresentou-se pior nas CCs do que os dos bancos, embora decrescente no período. A explicação encontrada é que as CCs obtiveram uma procura significativa de suas captações (ampliando o seu numerador) e o Banco Central atuou com uma regulação prudencial forte sobre as CCs, influenciando para uma atuação mais cautelosa dessas instituições em relação ao crédito. Essa atuação cautelosa por sua vez, torna-se muito positiva para o médio e longo prazo, pois demonstra o fortalecimento das CCs e uma expansão mais segura.

Os resultados encontrados no presente artigo possuem como limitação os dados fornecidos pelo Banco Central, ainda pouco desagregados, inibindo uma avaliação mais apurada em nível local. Considera-se que a estratégia utilizada neste estudo, análise em nível microrregional, consegue superar em partes essa limitação, podendo servir como uma *proxy* do desempenho geral das CCs na mesorregião. Sugere-se para estudos futuros, ampliar o comparativo entre as mesorregiões, a fim de poder confirmar os resultados obtidos.

Avalia-se que embora as CCs possuam condições de manter as bases de seu crescimento para os próximos anos, o seu desafio é manter o diferencial conquistado historicamente. O estudo levantou que as CCs vêm incorporando formas convencionais de atendimento utilizadas pelos bancos, como início da cobrança de tarifas por manutenção de conta, segmentação dos associados por carteiras de clientes e busca por sua rentabilização, que foi justamente o que fez muitos associados migrarem dos bancos para as CCs. Ademais, a entrada de novos *players* no mercado de crédito, como é o caso das diferentes *fintechs* de crédito, podem reduzir as vantagens comparativas construídas pelas CCs.

Com base nestes indicadores, é possível afirmar que as CCs exercem efeito positivo sobre o padrão regional de criação de crédito e que os demais fatores que influenciam esse padrão estiveram presentes e reforçaram/complementaram a atuação das CCs, como estágio de desenvolvimento financeiro das CCs, preferência pela liquidez dos poupadores locais e demanda regional. Reconhecendo então sua importância para o desenvolvimento regional, sugere-se que as CCs devem ser espaço de maior atenção pelas autoridades monetárias, para estimular a política de crédito e de democratização de produtos bancários.

REFERÊNCIAS

AMADO, A. M. A questão regional e o sistema financeiro no Brasil: uma interpretação pós-keynesiana. **Estudos econômicos**, v. 27, n. 3, 417-440, 1997.

AMARAL FILHO, J. A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 23, p. 261-286, 2001.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). Modelo de negócios de cooperativas de crédito. **Relatório de Economia Bancária**. Brasília: BCB: 2019.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). Crescimento das cooperativas de crédito. **Relatório de Economia Bancária**. Brasília: BCB: 2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo**. Brasília: BCB: 2022a.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). Evolução dos meios digitais para realização de transações de pagamento no Brasil. **Relatório de Economia Bancária**. Brasília: BCB: 2022b.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Estatísticas sobre o sistema financeiro nacional**. 2023a. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticassistemafinanceiro>

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Informações técnicas sobre cooperativas de crédito**. Disponível em <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/cooperativacredito> 2023b.

BANERJEE, A. V. et al. The Neighbor's Keeper: The Design of a Credit Cooperative with Theory and a Test. **Quarterly Journal of Economics**, v. 109, n. 2, p. 491-515, 1994.

BEGNINI, S.; ALMEIDA, L. Grau de desenvolvimento regional dos municípios da mesorregião oeste catarinense: caracterização e classificação. **Interações**, v. 17, n. 4, 2016.

BOLZANI, I. Bradesco projeta encerrar o ano com redução de até 400 agências. **Folha S.Paulo**, 05 maio 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/bradesco-projeta-encerrar-o-ano-com-reducao-de-ate-400-agencias.shtml>

BÚRIGO, F. L. **Cooperativa de crédito rural: agente de desenvolvimento local ou banco comercial de pequeno porte?** Chapecó-SC: Argos, 2007.

BÜTTENBENDER, P. L.; BRIZOLLA, M. M. B.; DEVES, K. R. Estratégias de gestão de uma cooperativa de crédito resultantes da avaliação econômica e financeira (2013 a 2017). **DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate**, n. 10, p. 952-977, 2020.

COCCORESE; P.; SHAFFER, S. Cooperative banks and local economic growth. **Regional studies**, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1080/00343404.2020.1802003>.

COOKE; P.; URANGA, M. G.; ETXEBARRIA, G. Regional innovation systems: institutional and organizational dimensions. **Research Policy**, n. 26, p. 475-491, 1997.

CROCCO, M.; JAYME JR., F. G. **Moeda e território: uma interpretação da dinâmica regional brasileira**. SP: Autêntica, 2007.

DOW, S. C. The regional composition of the money multiplier process. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 19, n. 1, 1982.

DOW, S. C. The treatment of money in regional economics. **Journal of regional science**, v. 27, n. 1, p. 13-24, 1987.

- DOW, S. C.; RODRÍGUES-FUENTES, C. Regional Finance: a survey. **Regional Studies**, v. 31, n. 9, p. 903-920, 1997.
- FERREIRA, C. C.; GRIEBELER, M. P. D. Responsabilidade social no cooperativismo de crédito em Nova Petrópolis/RS. **DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate**, v. 12, n. 2, p. 155-178, 2022.
- GARCIA, R. D. C. *et al.* Revisitando os Sistemas Regionais de Inovação: teoria, prática, políticas e agenda para o Brasil. **Nova Economia**, v. 32, n. 3, p. 617–645, 2022.
- GARCIA, L. Cooperativas alcançam bancos tradicionais em número de agências. **Folha S.Paulo**, 09mai2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/cooperativas-alcancam-bancos-tradicionais-em-numero-de-agencias.shtml>
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- HAKENES, H. *et al.* Small banks and local economic development. **Review of Finance**, v. 19, n. 2, p. 653– 683, 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas nacionais**. PIB dos municípios. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html>
- JACQUES, E. R.; GONÇALVES, F. O. Cooperativas de crédito no Brasil: evolução e impacto sobre a renda dos municípios brasileiros. **Economia e Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 489-509, 2016.
- KING, R.G.; LEVINE R. Finance and growth: Schumpeter might be right. **Quarterly Journal of Economics**, v. 108, n. 3, p. 717-721, 1993.
- KROTH, D. C. A agroindústria do Oeste Catarinense e o desenvolvimento regional sustentável: os velhos e os novos desafios no novo século. IN: RADIN, J. C.; CORAZZA, G. (Org) **Fronteira Sul: ensaios socioeconômicos**. Fpolis: Insular, 2016. p. 129-162.
- KROTH, D. C. A agroindústria do Oeste Catarinense e o desenvolvimento regional sustentável: os Evidências de política novo-desenvolvimentista no governo lula (2003-2010): uma análise do setor bancário. **Grifos**, v. 30, n. 52, 2021.
- KROTH, D. C.; DIAS, J. Os efeitos dos investimentos público e privado em capitais físico e humano sobre o produto per capita dos municípios da região sul: uma análise em painéis de dados dinâmicos. **Nova Economia**, v. 22, n. 3, p. 621-649, 2012.
- LEVINE, R. Financial development and economic growth: views and agenda. **Journal of Economic Literature**, v. 35, n. 02, p. 688-726, 1997.
- LIMA, M. A. **Gestão de negócios em cooperativas de crédito: evolução e contribuição na região Oeste de Santa Catarina, 2016-2021**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Bacharelado em Administração, Chapecó, SC, 2023.
- MATTEI, L.; LINS, H. N. (Org.). **Socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó, SC: Argos, 2010.

MCKILLOP, D. *et al.* Cooperative financial institutions: a review of the literature. **International Review of Financial Analysis**, n. 71, 2020.

MEINEN, E.; PORT, M. **Cooperativismo financeiro**: percurso histórico, perspectivas e desafios. Brasília: Confedbras, 2014.

OLIVEIRA, F. C.; ARAÚJO, V. L. Crédito bancário e desenvolvimento regional: novos apontamentos para os anos 2010-2019. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA (ENEP/SEP), 17. 2022. Uberlândia, MG. **Anais [...]**. Uberlândia, MG, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (OCB). **Anuário do cooperativismo brasileiro 2022**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://anuario.coop.br/entenda/apresentacao/>. Acesso em 10 maio 2023.

PAULA, L. F. de; OREIRO, J. L. (Orgs). **Sistema financeiro**: uma análise do setor bancário brasileiro. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

SCHUNTZEMBERGER, A. M. de S.; et al. Análises quase-experimentais sobre o impacto das cooperativas de crédito rural solidário. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 53 n. 3, 2015.

STIGLITZ, J. E.; GREENWALD, B. **Towards a new paradigm in monetary economics**. Cambridge, UK: University Press, 2003.

TOMAZZONI, G. C.; SCHNEIDER, S. A presença do cooperativismo na agricultura do Sul do Brasil: uma breve caracterização a partir dos dados do censo agropecuário 2017. **DRd - Desenvolvimento Regional em Debate**, n. 12, p. 65–88, 2022.

TORRES, D. A. R. *et al.* Sistema financeiro, sistema de inovação e desenvolvimento regional: um estudo sobre a relação entre crédito e inovação para os estados da região sudeste brasileira. **Revista de Economia**, v. 41, n. 1, p. 95-116, 2015.